

The background is an abstract composition of organic, painterly shapes in shades of teal, orange, and brown. A white rectangular box is positioned in the center-right, containing the title and author's name.

Nem um pouco perto das propostas

Priscila dos Anjos

Este trabalho é composto por  
atividades desenvolvidas na  
disciplina Escrita Criativa do  
curso de cinema da Universidade  
Federal de Santa Catarina, pela  
acadêmica Priscila dos Anjos.

## Lista dos lugares que irei te procurar

De baixo do entulho  
de corpos

Imerso nas águas  
de cinzas

Misturado ao pó  
das estantes

Perdido na floresta  
de fogo

No leito ao lado  
o dos mortos

## Seu tempo, meu tempo

Te aceita vai?

Teu cabelo.

Te aceita vai?

Teu nariz.

Te aceita vai?

Tua cor.

Te aceita vai?

Tua raiz.

Não aceito não.

Meu cabelo.

Não aceito não.

Meu corpo.

Não aceito não.

Minha sexualidade.

Não aceito não.

Minha hipocrisia

## Em família

Os pés gelados suavam embaixo do cobertor felpudo. Não estava frio, mas a mulher cobriu todo o seu corpo até o nariz, formando um incômodo casulo na noite de verão. As costas arqueadas, as pernas flexionadas e os braços enlaçados ao ventre, a transportavam para a infância. E era nessa posição que fantasiava estar protegida dos monstros escondidos nos cantos mais escuros do seu quarto. Quem dera sentir esse medo agora.

Pensou.

Talvez uma meia de algodão pudesse aliviar a sensação de desconforto que o contato da pele suada com o cobertor causava, mas não havia coragem suficiente para sair da posição paralisante em que estava.

Permaneceu.

Dormir? Já tentara por longos minutos, sem cessar. Mas invariavelmente o jogo de cenas que não queria voltar a ver formava-se na retina. Então abria o olho, como se tivesse despertado de um pesadelo.

Cansou.

Nas últimas oito horas se permitiu torcer para que ele não voltasse.

Mas as sete horas os olhos abertos na escuridão do quarto puderam ver o rastro de luz que entrou pela porta principal da casa, passou pela cozinha, atravessou a sala e resistiu às cortinas de pequenos cristais, no corredor.

Gelou.

Era ele. Conseguia ouvir o sapato caindo no chão, após ser pressionado a sair, pelo outro pé já descalço. Se havia uma coisa que era respeitada naquela casa, era a vontade dela, a mãe, de não andarem de sapato no piso de linóleo que cobria todos os cômodos. Era perceptível que o pé dele também transpirava. Quanto mais avançava pela corredor, mais ela ouvia seus passos colando no chão, um após o outro.

Agoniou.

Primeira pausa, o quarto de Ritinha. A luz recém acendida irradiou o corredor. Ela ficou desejando eternizar o minuto

inteiro que ele fitou a cama vazia. O estômago pulou quando o interruptor foi mais uma vez acionado, dessa vez para envolver a casa na mais completa escuridão.

Os passos ficaram mais ansiosos. O ouviu contornando a cama e sucumbiu à inclinação quando ele deitou. O corpo enrijeceu ao sentir o toque gelado em sua cintura, numa sensação esquisita de reconhecimento.

Sofreu.

A mão dele apalpou um de seus seios. Ao ofegar, soltou um ar quente das narinas causando repulsa por todo o corpo da mulher. O rosto contorcido estampava o medo paralisante do que estava por vir. Mas pouco importava o rosto, pois era tão irrelevante que dessa vez não precisou virá-la. O encaixe foi por trás.

Doeu.

Uma das mãos dele deslizou para os ombros, onde podia conduzir melhor o movimento forte e maçante. Repetir uma frase,

contar os segundos, pensar na letra de uma música, passou o dia pensando em como ficar alheia às investidas.

Falhou.

Sentiu-se umedecer por dentro, quando o marido eliminou-se nela, mas a única secreção que seu corpo expulsou foi o jorro de lágrimas que o travesseiro embebeu.

Acabou, por ora.

## Demissão

Ai meu deuzinho e o que vais ser das minha criança agora?

Zete, não fica assim, você sabe que é tipo da família, né?

Sou muito grata seu Eduardo. Mas eu só venho aqui três vezes por semana. E só faz um ano.

Mas não fica preocupada porque a gente vai te pagar tudo direitinho.

Tudo bem, tudo bem. Mas sabe como é, eu acabei de tirar uma moto para a minha Joana. Coitada estuda e trabalha muito longe de casa, tava precisando. Mas e como vou pagar agora? Tava tudo contadinho.

É uma pena Zete. Mas aqui em casa agora vou colocar a Julia para trabalhar, aquela guria não faz nada.

Mas ela é um doce de menina. Não faz isso não. Estuda tanto. Vai ser médica né?

Vai ser sim.

Que bom, que bom. E a dona Ivone, vai trabalhar?

Arrumei uma vaguinha para ela lá na galeria. Deu de bater a bunda na piscina do clube. Aliás, tenho que ligar para lá

para cancelar a filiação.

Mas e o Fabinho? Gosta tanto daquela piscina e tem tanto amiguinho lá.

Ele que use a do condomínio. E a mãe dele que lide com isso. Foi ensinar que a piscina do condomínio é para pobre, que até empregada entra para brincar com as crianças.

Olha seu Edu, acho que vai dar tudo certo. Nunca tive medo do trabalho, logo, logo arrumo outro.

Pode até ser, mas o negócio tá feio. Não estou vendendo um quadro se quer. Por isso tenho que fazer esses ajustes.

Na reunião do condomínio meus amigos estavam revendo essa coisa de ter empregada e diarista. Pelo que vi isso vai é virar moda, parece que na Europa isso é cafona Zete, ninguém tem.

## Dora

Poderia esfregar o chão, o dia todo. Afinal era tudo que tinha feito na vida: esfregar o chão, deixar o chão limpinho e brilhoso, podendo até refletir a imagem de quem passava por ali. Pena que nas primeiras horas do dia, a limpeza do chão duraria poucos minutos, bem diferente do vazio das prateleiras, pois era tanta gente que atravessa os corredores do mercadinho para pedir pão, pão doce, pão de queijo, pão de ló, pastel, pavê, torta, trufa e quindim. E logo Dora estaria limpando o chão de novo. Mas não, Dora não limpava o chão, Dora ouvia o pedido, pegava um saco pardo, colocava pão no saco e para seu horror pesava o saco só depois de digitar um código na balança e apertar mais alguns botões. Pronto, a máquina iria cuspir o preço em Cruzado da compra.

Se algum cliente mais conversador a interpelasse emitiria uma voz baixa, envergaria o corpo, fixaria os olhos no nada e usaria o máximo da concentração para conjugar os verbos corretamente, acertando de vez em quando. Mas preferia quando não precisava falar. Queria só ouvir o

pedido, pegar o saco pardo, colocar o pão no saco, digitar o código na balança, pesar o saco e apertar mais alguns botões para ver a máquina cuspir o preço em Cruzado da compra.

E no final do dia, quando tudo isso acabava, era hora de ir embora em passos curtos, lentos e fortes. Então caminhava absorta em pensamentos confusos, com a cabeça cheia de números até o ponto de ônibus. Esperava 10, 15 minutos a condução que lotaria de trabalhadores e estudantes noturnos. A bolsa agarrada ao corpo, sucumbia à força que a mão fazia na alça. A desatenção era tanta que ao chegar em casa não saberia explicar as marcas vermelhas na palma da mão.

Enquanto a bolsa seguia colada a seu corpo, não ouvia as conversas ao seu redor, para ela não passavam de murmurinhos. Não ouvia por exemplo Maria Albertina dizer que a barriga de sua filha apontava para cima, se atenta falaria “Barriga pontuda? Só pode ser menino” o que provavelmente desencadearia uma conversa extensa

que duraria até a casa de Maria Albertina ou de Dora. Em casa exalaria padaria, Maria Albertina não tinha sentido o cheiro, muito menos Kátia, já não sentiam mais. Mas as filhas de Dora sentiam todos os dias aquele cheiro enjoativo de quem havia trabalhado o dia todo ao lado de sonhos, casados, beijinhos e bombas. Antes de dormir falariam para a mãe sobre o dia na escola, o cardápio no almoço tentando captar a atenção dela. Mas na primeira tentativa Dora perguntaria “o que?”, e as irmãs se entreolhariam achando graça, mas repetiriam o discurso com o mesmo entusiasmo. Finalmente Dora poderia limpar o chão. Afinal era tudo que tinha feito na vida.

## Pelados no bairro

No dia em que decidi me matar, entrei no trabalho uma hora depois do normal, e saí duas horas antes do que todo mundo. Se na repartição alguém se importasse com a vida alheia, teriam me perguntado “Por que você está saindo mais cedo?”. Confesso que foi engraçado imaginar eu respondendo “Preciso chegar cedo em casa para me matar”. Eu estava obstinada naquele dia. Tudo começou, para então eu decidir terminar com tudo, quando percebi que eu não me importava em continuar vivendo. Era verdade que eu conseguia levantar, colocar uma roupa, ir trabalhar, trabalhar, voltar do trabalho, fumar, ver TV. Mas o que eu realmente fazia era despertar as cinco horas da manhã, para poder lutar comigo mesma e conseguir sair da cama as sete. Atrasada, o que podia fazer era lavar o rosto na água gelada, e vestir a primeira peça de roupa que encontrasse pela casa. Até chegar na estação de metrô, hesitava em continuar andando, quase sucumbia a vontade de voltar para casa. Chegando no trabalho, era normal segurar a onda de choro que chegava a cada meia

hora. Em casa, fumava quase uma carteira inteira, comia macarrão instantâneo e vendo TV adormecia.

Enquanto esperava o elevador, durante alguns segundos meu corpo emitiu uma tremedeira frenética. Eu realmente estava colocando em prática o que havia planejado há meses. Mas o mais estranho foi perceber que por dentro eu comemorava, bem ali na frente do elevador, que não voltaria no dia seguinte para aqueles cubículos amarelados, e desconfortáveis.

Peguei o metrô, que naquele horário ainda não estava lotado, e que por isso deixava exposta a sua carcaça imunda. Fitei por alguns minutos uma mulher de cabelos pretos e pele com cor de papelão sentada no meio de suas crianças remelentas. O menino parecia ter uns cinco anos, e a menina uns três. O garoto percebeu o meu interesse, e fixou o olhar em mim. Talvez eu não tenha disfarçado bem, e as vezes até eu me assusto quando o meu olhar fica vidrado, então para evitar qualquer aproximação fitei os cadarços do meu par de tênis.

Desci na estação que fica a um quarterão de casa. Ainda faltavam algumas horas para os sol começar a se esconder,

mas as sombras dos edifícios próximos à minha casa já cobriam a calçada e metade da rua. Chegando em casa larguei minha bolsa no chão, segui direto para o meu quarto. Parei em frente ao espelho comprido que quase não usava. Queria me olhar, tirei o vestido cinza. Fitei o corpo negro e corpulento que me pertencia.

E lá, ao lado do espelho, dentro da gaveta da escrivaninha peguei a arma. Uma 38. A segurei com força. Merda, como me senti poderosa. Senti um vento entrepassar meu ventre. Ao meu lado esquerdo as cortinas dançavam conforme a música do vento. Esquecera a janela aberta outra vez. Em frente a janela, uma poltrona convidava a sentar. Mas na verdade eu a posicionava dessa maneira para poder apoiar as pernas na abertura da janela, e fumar. Meu pé suave muito, então desse jeito ele sempre ficava seco e refrescante.

Sentei. Não me importava com os vizinhos curiosos. Coloquei a arma em cima da mesinha redonda. Dessa vez não coloquei os pés para fora da janela. E olhei janela afora. Não precisei procurar muito o que observar. Lá estava ele, sentado a beira da sacada, com a cabeça baixa.

Os cabelos negros cobriam os rostos. As minhas costas que até então permaneciam encostadas na poltrona, sem que eu ordenasse conscientemente, descolaram, para que eu pudesse ver melhor o que acontecia no prédio em frete a minha janela.

Permaneci por alguns minutos observando a hesitação do homem. Ele não vestia uma peça de roupa se quer sobre o corpo amarelado. Para o meu desespero ele olhou para cima, e também não foi difícil me achar. Assustada me movimentei para sair do ângulo de visão dele. Mas aqueles rápidos segundos em que nos fitamos foram o bastante para libertar um formigamento na minha barriga. Pela primeira vez há muito tempo estava interessada em algo. Lentamente voltei para o ângulo de visão do outro suicida. Ele ainda me procurava na moldura da janela. Nos fitamos. Ele apontou para mim, e apontou para o chão. Estaria me convidando para pular com ele? Fiz uma cara de que não entendi, e apesar da distância ele entendeu minha expressão. Saiu daquela beirada, ficou em pé, e fez o mesmo gesto. Levantei, e balancei a cabeça positivamente. O homem deu as costas e desapareceu.

Não havia muito o que pensar, lá estava eu em pé, empolgada com alguma coisa. Atravessei o corredor, escancarei a porta, corri escada a baixo. Ri, porque meu sapato ainda continuava nos pés. Não pensei duas vezes ao abrir a porta do prédio e invadir a calçada. Ele fora mais rápido que eu. Me esperava em pé, com as mãos na cintura. Paralisamos. Um caminhão entrou na rua deserta, e quando passou por nós, emitiu uma buzina irritante. Um sorriso no canto de boca foi dominando a minha expressão. Quando pude vê-lo novamente, seu sorriso era ainda mais escancarado, deixando mostrar os dentes brancos e as marcas de expressão.

## Assassinato em duas páginas

Os pés em cima da mesa poderiam passar uma impressão de relaxamento, mas a mente de Elisabeth Belmiro repassava insistentemente os detalhes sobre a investigação de assassinato da adolescente Cristina Lima, caso que trabalhava há um mês, mas que parecia sem solução. Sabia que tinha perdido alguma coisa durante a investigação. Só hoje, já lera cinco vezes o relatório do médico legista, e repassara foto por foto da cena do crime. Trabalho que levou mais de três horas e consumiu o seu horário de almoço.

Pegou mais uma vez o relatório do legista Jorge Bonis, com esperança de encontrar alguma ponta solta, ou uma informação que indicasse um novo caminho para a investigação. Seus olhos agora já custavam focar nas palavras técnicas do documento, - Bonis não facilitava para os investigadores - então desviou sua atenção para as fotos. Cristina jazia de bruços, suas roupas estavam a dois metros de seu corpo, rasgadas. Havia manchas roxas nas pernas e braços. Sob a cabeça uma marca escura mostrava

que a terra tinha absorvido o sangue do ferimento feito por um revólver calibre 38. O estado do corpo não poderia estar pior, era verão em Florianópolis, e o cadáver ameaçava a derreter. Com cara feia, Lis lembrou como foi ruim trabalhar com o cheiro horrível de putrefação, na cena do crime. Aquela imagem a fazia pensar em uma única palavra: brutalidade.

Nos seus sete anos de Polícia Civil, ela, já havia presenciado cenas piores, mais sangrentas. O seu estômago podia não reagir a violência extrema, mas nunca se acostumara com esses cenários. Tanto as fotos do corpo, como a necropsia confirmavam que havia ocorrido um crime sexual, seguido de morte. Cristina tinha 15 anos, morava com a mãe e o padrasto. Fora encontrada morta em um matagal há duzentos metros de casa. As buscas duraram dois dias. Como é comum que o autor de crimes sexuais seja da família, Lis suspeitou do padrasto. Mas os depoimentos dos familiares mais próximos divergiam dessa teoria, além disso, não havia sêmen no corpo da

adolescente.

O desgraçado que estuprou e matou Cristina teve o cuidado de usar camisinha para não ser pego, pensou Lis. Do lado de fora de seu escritório não se ouvia nada, já passara das oito horas da noite. As luzes das pequenas salas de investigadores estavam apagadas. E as baias de trabalho, que ocupavam um pequeno salão naquele andar, deviam estar abandonadas, pensou a policial. Para Lis, ficar até mais tarde era o mínimo que podia fazer agora por Cristina, pois não poder achar o culpado, simplesmente acabava com ela.

Em um salto, Lis tirou os pés de cima da mesa, guardou toda papelada em uma gaveta, e se preparou para ir embora. Quando sua cabeça começava a confundir as ideias, se culpando por não achar uma saída, sabia que não adiantava mais persistir, precisava mudar de ambiente. Ao bater à porta atrás dela, viu que não estava sozinha no corredor. O investigador Hugo Rebelo também estava saindo de sua sala com uma mochila nas costas, vestia uma camiseta branca e uma calça de ginástica. Os dois se olharam, Lis até pensou em ignorar, quando...

- Boa noite Elisabeth.

De má vontade Lis encarou a figura alta e magricela, e respondeu – Boa noite Hugo. – Para ela, não havia policial mais irritante, na Delegacia de Homicídios, do que Hugo Rebelo. Desde que entrara na Polícia Civil, aos 23 anos, nunca o suportara. Ele persistia em sustentar um ar de superioridade, com seus terninhos bem alinhados, e sapatos perfeitamente engraxados. Certamente não combinava com cenas de crimes sujas e sangrentas.

- Empacada ainda no caso Lima? – Falou Hugo em tom desdenhoso.

Impacientemente Lis falou: - Por que não falamos sobre o tempo? Ou qualquer outro assunto patético que colegas de trabalho adoram comentar.

- Calma Belmiro, só estou preocupado com os níveis de casos solucionados na nossa delegacia. – respondeu Hugo, sarcasticamente. - Li no jornal de hoje que no ano passado 70% dos homicídios foram solucionados, não queria que neste ano fosse diferente. Como ficaria a nossa imagem se uma policial bonitinha parasse de solucionar os casos.

- Olha aqui meu camarada, cuide das suas investigações.

– Lis não deixou que o policial respondesse, deu as costas e seguiu o corredor que dava em uma espaçosa sala preenchida de estações de trabalho.

Onde já se viu, policial bonitinha.

Atravessou a sala, já vazia como suspeitava, apertou o botão para chamar o elevador, Hugo com um sorriso no rosto, a seguiu.

A Delegacia de Homicídios ocupava um prédio de oito andares no Centro de Florianópolis. As salas de Elisabeth e do Policial Hugo ficavam no sexto anda, a dela, a primeira porta a direita, e a dele, a segunda porta a esquerda. A última porta, no fundo do corredor, servia para reuniões. O andar possuía um minúsculo corredor com cinco salas, e escoava para um salão com dez baias de trabalho.

No elevador os dois permaneceram em silêncio, cada um num canto, tentando não se olhar pelos espelhos que rodeavam o ambiente. Chegando ao térreo as portas se abriram e Hugo acenou com a cabeça em uma breve despedida, e caminhou para o pequeno hall de entrada do prédio. As portas do elevador fecharam e Lis revirou

os olhos para Hugo. Sentiu-se aliviada por estar livre da presença dele. Apertou o botão que a levaria à garagem.

◇◇◇

A noite acabara de cair, pensou Lis. Era verão em Florianópolis, mas dentro do seu carro, graças ao ar condicionado, podia continuar aproveitando os 20°C de sua sala. Ligou o carro, e subitamente a rádio escuta deu sinal de vida.

.... chamando reforço. Dois homicídios no Residencial Macapé, na Rua Cristóvão.

Lis não pensou duas vezes, a Rua Cristóvão ficava há duas quadras da Polícia Civil. Enquanto dava partida no carro respondeu ao rádio: Policial Belmiro à caminho.

◇◇◇

Dentro da ambulância estacionada em frente ao Residencial Macapé, o motorista e o enfermeiro pareciam conversar sobre qualquer trivialidade, o que significava que não havia mais trabalho a ser feito. Encostada em uma veículo da Guarda Municipal, a agente Antônia não disfarçou o alívio com a chegada de Lis. Descolou da lataria e olhou ansiosa para a mulher que estava sentada

no carona do carro. Mal havia saído do carro, e foi logo perguntando.

O que você sabe?

Essa senhora diz ter atirando em legítima defesa em um invasor que matou sua irmã. - Lis fitou os cabelos castanhos da mulher, do carona do carro, que ao manter a cabeça entre as pernas, exibia uma longa trança. A mulher quase pulou quando Lis bateu no vidro.

Ei, qual é seu nome?

Eu... eu matei o desgraçado, eu matei. Ele correu atrás de mim com o machado, eu tive que matar. - A mulher enfiou a cabeça entre as pernas novamente, agora para abafar um grito forte.

Pelo que vi nos documentos dela, ela se chama Ana Lisa Silveira e a irmã Maria Bernadete Silveira. - respondeu a guarda.

Você subiu já? - Perguntou Lis observando as câmeras posicionadas para gravar a entrada do prédio.

Não, não. Eu fazia uma ronda e vi essa senhora na entrada do prédio com uma arma na mão, e uma bolça pendurada no ombro. Foi fácil convencê-la a me entregar o revólver.

Ok, eu vou subir. Qual é o seu nome?

Antônia, policial Lis. - Surpresa, Lis enrubesceu. Não lembrava de nenhuma agente Antônia. Mas aquela agente com certeza a conhecia.

Tudo bem Antônia. Você fica aqui com ela. Chame mais uma viatura e peça para eles irem diretamente checar os últimos minutos da câmera de gravação do prédio. Eu vou sozi.. - Lis não conseguiu completar a frase ao ver Hugo se aproximando com sua roupinha de ginástica.

Trabalhando ainda Lis? - A policial se esforçou para dar um sorriso amarelo, e começou a subir os degraus da entrada do prédio. A agente da guarda municipal olhou para Hugo, esperando uma atitude.

O que aconteceu? - Lis franziu o cenho, e não conseguiu esconder a ponta de irritação que o interesse de Hugo causou.

Nada da sua conta. Pode continuar a sua corridinha noturna.

Ele é policial também? Será que a senhora não precisa de ajuda? - interrompeu a agente.

Lis mandou um olhar cortante na direção de Antônia, e

continuou subindo os degraus. No último, virou-se e falou: Se ele não tiver medo de sujar o tênis branco, de sangue. A porta do edifício estava entreaberta, logo que entrou as luzes do pequeno saguão acenderam. Parecia não ter um porteiro noturno. A sua frente o começo da escada a avisava que não havia elevador. O prédio era antigo, mas bem conservado. Atravessou a sala, e subiu os primeiros degraus da escada. Encostada na parede olhou para cima, observou as voltas do corrimão por alguns segundos, empunhou a arma e devagar avançou. Hugo seguiu logo atrás dela. No terceiro andar, pode ver a fresta da porta, e no chão o sangue que já escorreu coagulava. Cuidando para não pisar na poça, empurrou com o pé esquerdo a porta, que arrastou para atrás dela o largo risco de sangue. A escuridão do cômodo não mostrava a origem do sangue. Ainda na porta Lis esticou o braço direito e tateou a parede. Achou facilmente o interruptor e o ligou. Uma fraqueza apoderara-se em suas pernas. No chão, o cabelo que já fora grisalho agora estava ensopado de sangue. Um corte profundo quase dividia a cabeça da velha que jazia de bruços. Em um ritmo cauteloso, Lis perguntou.

Cadê o outro corpo? - Hugo pegou de sua bolsa a semiautomática, e seguiu pelo corredor do apartamento. A porta de entrada do apartamento escoava para uma sala espaçosa. A mobiliada, toda de madeira de tons escuros, sustentavam bibelôs, pedras brilhantes e um grande relógio azul. A única janela da sala estava coberta por uma cortina roxa, de renda, o que deixava o ambiente ainda mais escuro.

Aqui. - Hugo respondeu com elevando a voz.

A policial atravessou o corredor central do apartamento, se dirigindo ao único quarto com a luz acesa, o da última porta. O jovem corpo aparentava ter uns 25 anos. Os cabelos compridos pareciam negros, mas poderiam ser castanhos também, pois estavam encharcados de sangue. Ele havia levado um tiro no rosto, ao lado do nariz. Lis sentiu uma pontada de dor de cabeça, e não aguentou olhar o rosto do garoto por muito tempo. Ouviu passos no corredor do edifício, e deduziu que o reforço havia chegado. Caminhou até a sala.

Os policiais que estavam de plantão naquela região eram os novatos Fabio e Roberto. Os dois olhavam para a velha,

como se olhassem para um filme chato. Quando viram Lis se aproximando envergaram a coluna instintivamente.

Nós demos uma olhada nas gravações da entrada do prédio. Um homem de cabelo escuro e comprido entrou há uma hora atrás, no prédio. Ele não tinha chave, então ficou esperando pelo menos uns 15 minutos até um morador chegar. - Disse Fabio, com segurança.

Ok, eu quero que alguém identifique esse morador, e tome o depoimento dele. Agora vão até o quarto e me digam se o cara do vídeo é o mesmo que está lá.

Ao encontrar Hugo ignoraram o corpo. Cumprimentaram-se com apertos de mão estalados, e tapinhas nas costas.

E aí garotos? É ou não o cara. - gritou Lis da sala.

Sim, é ele. - respondeu Roberto. Fabio demorou um pouco mais, chegou mais perto do corpo, e agachou.

É sim Lis, é ele.

Caso resolvido então. - respondeu Hugo.

Caso resolvido, será? - falou Lis caminhado até o último quarto do corredor.

A papelada você faz em uma hora amanhã de manhã.

E não há nada de estranho nesse caso. O cara entra no

apartamento, mata a velha, a irmã da velha chega e mata o cara com a arma que elas tinham guardada.

Pode até ser óbvio, mas não te incomoda não saber o motivo de alguém entrar em um apartamento e matar uma senhora? Sei lá, isso tudo me parece esquisito.

Tá, se você quer ficar quebrando a cabeça com isso, o problema é seu. Eu vou voltar a dar minha corridinha noturna, e amanhã de manhã te ajudo com o relatório. O trabalho pesado é de vocês rapazes. - falou Hugo, saindo do quarto com um sorriso sarcástico no rosto.

Os idosos primeiro. - Brincou Roberto. Os novatos voltaram para a sala, para começar a limpeza.

Sozinha no quarto Lis observou cada móvel por poucos minutos, queria achar uma resposta. Mas talvez Hugo estivesse certo, pode até ter um motivo, mas quem teria tempo para investigar um caso que já havia culpado morto e culpado confesso. Como que em resposta sua cabeça latejou mais uma vez. Precisava descansar.

◇◇◇

Em casa, sentou no sofá, apoiou a cabeça no encosto de um modo que só pudesse enxergar o teto. Ao relaxar o corpo sentiu o cansaço a consumindo. Fechou os olhos e começou a repassar a cena do crime. Viu-se estacionando o carro em frente ao prédio. As luzes vermelhas e azuis do seu giroflex refletiam nas paredes do térreo, do edifício. Sentiu seu corpo suar enquanto subia os lances de escada, as escuras. Ao chegar à porta mão encontrou o rastro de sangue, mas colocou a mão na maçaneta e estremeceu, pois temia a cena horrível que iria encontrar. Abriu a porta, se preparando para o pior, mas estranhamente não havia corpos ou marcas de sangue como esperava. Uma luz fraca no teto era o único sinal de iluminação do lugar. Seu coração deu um salto quando ouviu passos no corredor em direção à sala, mas seu corpo não deixou transparecer seu medo. Agilmente colocou a mão na cintura para apalpar sua arma, e empunhá-la caso fosse preciso. Mas ao invés da arma havia algo mais volumoso no cóis de sua calça jeans, um objeto que estava escondido sob sua camisa, mas que era facilmente perceptível de tão grande. Tirou o instrumento misterioso de sua cintura,

e se arrepiou quando viu que era um machado. Sentiu que alguém estava a observando, levantou os olhos e uma velha de baixa estatura, cabelos grisalhos e feição indócil a olhava com medo nos olhos, nas mãos um pacote retangular pequeno amarrado com um barbante sujo. Aquela decididamente não era Maria Bernadete Silveira. Ficaram se fitando por segundos. E Lis reconheceu-a. Clique

De súbito pulou do sofá. Acabara de ter um sonho perturbador. Correu para estante de livros. Pegou um de capa metade preta e a outra metade branca. Passeou nas páginas com a mão tremendo, quase não conseguia conter-se de ansiosidade. Para a sua sorte ainda havia pequenos marcadores amarelos em algumas folhas, o que indicava que seria fácil achar o que procurava. Elisabeth já sabia onde achar a passagem que precisava, ela estava no terceiro marcador. Leu a cena de um assassinato repugnante pelo menos cinco vezes. Na primeira vez reconheceu a velha que a fitava no sonho, um personagem criado em sua cabeça durante a leitura da obra há alguns anos.

Ligou para Hugo.  
O cara era um imitador. - falou Lis empolgada.  
Como assim um imitador?  
Você leu Crime e Castigo?  
Não. Me conta o que ele imitou Lis.  
Amanhã eu te conto.  
Lis desligou o telefone.

## Uma carta para minha melhor amiga de infância

Não me lembro de parar para pensar no que queria ser quando crescer antes de você tentar me explicar como aquele romance de capa amarela havia te motivado a decidir sua profissão aos nossos dez anos. Muitos anos depois, em um passeio matinal aos sebos da cidade, quando eu encontrasse aquele livrinho amarelo na estante de escritores catarinenses do Sebo Odete, iria recordar da sua decisão. Não tínhamos nem largado direito as bonecas, mas você estava convencida de que seria escritora.

Nessa época passávamos horas no seu quarto vestindo e penteando suas bonecas e criando histórias de vida para elas. Mas para variar na passividade da infância feminina, também brincávamos de ser secretárias, nunca chefas. Passávamos a tarde atendendo telefones, resolvendo problemas imaginários e montando a agenda de um chefe de mentirinha. Todo começo de tarde, lá estava eu correndo morro à cima para chegar à sua casa, a última da rua, e chamando seu nome aos berros, em frente ao portão.

Até aquela manhã, quando te chamei tantas vezes que sua mãe gritou pela janela “mas que guria escandalosa”. Naquele dia você não estava em casa, e acabei acordando sua mãe da soneca vespertina. A partir dali me restringi a chamar três vezes seu nome e se não obtivesse resposta corria para casa.

Além dos dias que você ia visitar seus primos ou sua madrinha, havia só mais uma ocasião em que não podíamos brincar: os dias de limpeza. Sim, você deve lembrar-se da sua mãe te chamando com cotonetes nas mãos pronta para limpar seus ouvidos. Presenciei a cena uma vez comemorando que aquilo nunca iria acontecer comigo. Você manteve um olhar perdido, e a boca torta por todo o procedimento. E em meio as suas reclamações, sua mãe perguntou buscando apoio “né que a tua mãe faz isso também?” Na verdade não fazia não.

Chegava a ser comum sua mãe comparar os métodos de criação das nossas famílias. Todas às vezes eu segurava na boca uma resposta um bocado malcriada, prova de que a minha educação não foi tão falha assim como ela imaginava. Lembro que um dia de férias tínhamos

combinado que após o almoço eu correria para sua casa para continuar a montar a casinha das bonecas no seu quarto. Era verão, e eu devia ter uns oito anos, pois ainda tenho guardado o conjuntinho xadrez que usava naquele dia. Sua mãe logo que me viu perguntou “mas a sua mãe não pede para você escovar os dentes não?” Um fiapo de manga madura, doce e succulenta que eu havia comido após o almoço reluzia na bochecha negra. Eu respondi “olha dessa vez ela não pediu”, mas na verdade ela nunca pedia. Era impressionante o fato de que eu e minha irmã tenhamos vivido a infância sem cáries. Você frequentava pouco a minha casa, acredito que por isso não precisou ouvir coisas inconvenientes sobre o seu jeito de vestir e seus costumes à mesa.

Em frente aquela estante do sebo o universo me deu a oportunidade de finalmente saber sobre o que o livro amarelo tratava. Há 15 anos, enquanto você tentava me explicar sobre o que era aquele romance tão inspirador, eu pensava em decidir logo o que queria ser quando crescer. Sabia que depois daquela ladainha toda viria a pergunta “e você já sabe o que vais ser quando crescer?” Na verdade

eu não queria ser nada ainda, só havia saído de casa para brincar. Mas não podia correr o risco de presenciar seu olhar decepcionado quando eu dissesse “não sei”.

Entre as tarefas de prestar atenção no que você falava e escolher uma profissão eu não consegui ter sucesso em nenhuma das duas, recorri a: responder qualquer coisa. Fazia muito isso quando você colocava na cabeça que precisava provar seu guarda-roupa inteiro para que eu a avaliasse. O tipo de coisa que eu odeio fazer até hoje. Eram três tipos de resposta. Na primeira prova eu dizia “você está linda” (rezando para você acreditar e desistir logo daquilo), na segunda eu respondia um “está legal” não muito convincente, já na terceira eu torcia o nariz para dizer “não gostei”. Depois eu repetia as respostas na mesma ordem.

Claro que essa técnica era muito suscetível ao erro, pois se o objetivo era te agradar, na maioria das vezes eu não conseguia e você travava uma batalha para me explicar que apesar da minha reprovação, a saia rosa combinava com a blusa branca. Então com o livro na mão pude finalmente ler a contracapa e saber sobre o que era. Não

demorou muito para você descobrir que detestava ler e escrever, mas agora sabendo do enredo que te inspirou tanto não admiro que você tenha desistido de ser escritora, a história não poderia ser pior: uma breve autobiografia mal escrita de uma pessoa que sentia pena de si própria.

O que eu respondi não lembro, mas tenho a certeza que não te comoveu, pois não houve tentativas de arrancar mais explicações sobre a escolha, o que poderia ter te decepcionado, pois nas horas de pressão, até hoje, eu sempre respondo “não sei”. Mas fui para a casa com uma grande questão na cabeça, precisava saber o que seria quando crescer. Então aos nossos dez anos, eu me preocupava com a escolha da minha profissão. Mas na verdade a maioria das crianças submissas de dez anos preocupa-se em serem aceitas, e naquele momento ser aceita significava escolher uma profissão e ter habilidade com bola.

É porque quando não estávamos em sua casa a rua chamava. A década de 1990 foi fértil na Rua Maria Severiano, onde crescemos. Conhecíamos desde sempre as pessoas que costumávamos brincar de pique esconde

e futebol (foi possível formar quase uma equipe inteira na década seguinte). Mas eu e você nos conhecíamos “da barriga da nossa mãe”.

Há certo saudosismo sobre as relações que vieram do berço. Como se a inexistência de escolha das partes interessadas fosse a garantia de que aquela conexão imposta duraria para sempre. Até hoje tentamos legitimar nossa amizade afirmando que “nos conhecemos da barrida da nossa mãe”. Mas a verdade é que não passávamos de dois fetos mais leves que uma banana quando nossas mães resolveram trocar figurinhas sobre gravidez. Não que elas soubessem, mas você, como feto três meses mais velho, já estava aprendendo a urinar parte do líquido amniótico que engolia, algo bem impressionante, eu acho, enquanto os meus dedos ainda eram colados por membranas que nem um girino.

Um ano antes de nós havia nascido Bea. Nutrimos uma espécie de respeito/medo dela. Afinal ela era a mais velha. Fazíamos tudo que ela pedia. A única maneira de podermos mandar ao lado dela era na brincadeira O mestre mandou. Nem preciso confessar que era a brincadeira que

eu mais gostava, pela frequência que pedia para brincar de O mestre mandou você deve ter percebido. Apesar das minhas ordens não passarem de “O mestre mandou pegar uma pedra branca” e “O mestre mandou pegar um caco de vidro”, era gostoso de ver toda aquela gurizada que me odiava, fazendo tudo que eu mandava.

Foi na escola que você descobriu que não seria escritora. Você odiava ir à aula, ou estudar em casa. Mas eu te entendo, aquele lugar sugava a esperança das crianças. As paredes eram feias, a biblioteca desinteressante, os professores desanimados. Tudo bem que alguns dos melhores escritores que já li odiavam ir à escola, mas duvido que eles precisaram frequentar um colégio parecido com o nosso.

Nos primeiros anos da escola não tínhamos muito contato. Como sempre fui uma pessoa matutina, adorava acordar cedo para ir à aula, já você fez os primeiros anos a tarde. Quando mudou para manhã tinha algumas amigas, mas eu nenhuma. Nos corredores cinzas do Colégio Municipal Madureira, aprendi a não cruzar o olhar com você, para não ser ignorada. Mesmo quando estudamos na mesma

sala, acho que por dois anos, você fazia questão de sentar do outro lado da sala.

Durante a adolescência, nossas diferenças só afloraram. Você tinha amigos, pois era fácil gostar de você. Quando éramos obrigados a correr naquela quadra de cimento, gostava de observar seus cabelos dourados em movimento, que chegavam até a brilhar se fosse um dia de sol. Já eu era estranhíssima para o padrão. No começo dos anos 2000, não era moda ter cabelo crespo e a pele escura. Por volta dos 12 anos mudei de escola, e nos afastamos ainda mais. Foi mais ou menos quando a Bea decidiu que estava muito velha para ser nossa amiga - os garotos que moravam duas ruas à esquerda da nossa achavam que ela estava perto dos 18 quando tinha 15, isso porque ela mentia a idade - e bem na época que Amanda mudou para a nossa rua. A troca perfeita. Ela era mais velha e também gostava de mandar na gente. Então Amanda foi bem vinda, mas secretamente eu a detestava. Primeiramente porque nos dias de chuva ela esperava eu passar embaixo de uma árvore e puxava os galhos encharcados de água para que eu ficasse molhada e puta da vida, e depois

porque definitivamente foi para ela que perdi você. Se é que eu ainda a tinha.

É engraçado pensar nisso agora por que hoje vocês não estão mais se falando, tiveram uma briga qualquer e, também por que quando encontro alguma de vocês na rua há um constrangimento mútuo de uns cinco minutos, em que fingimos estar interessadas sobre a vida de cada uma. Mas faz tempo que não temos esses tipos de encontro. Por isso pensei em escrever esta carta para você. Talvez você possa lê-la daqui a um mês, quando a eu estiver lançando minha próxima coletânea de contos.

## Fim de semana no clube

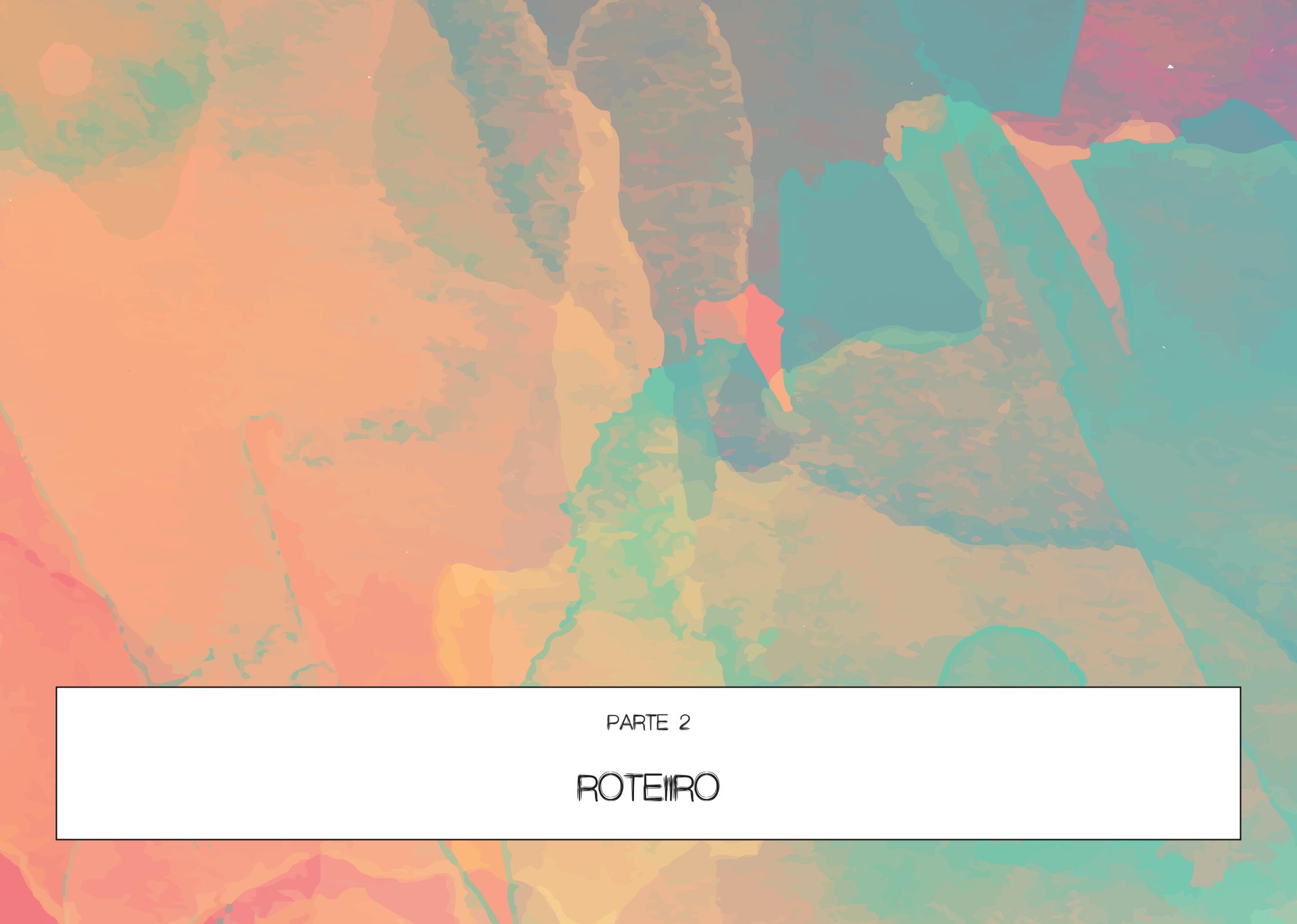
A empolgação é tamanha que tomo um banho rápido, mas não antes de minha mãe. Ela já tomara banho horas antes de mim, pois não podia perder um dia no clube. Em menos de uma hora estamos lá. Espio através do portão as BM's e os Land Rover vão chegando. Hoje teve até um Lamborghini. No banco do passageiro chegam as Bia, os Théozinho, as Kaka, os Lulu. Um dos Pedro pergunta para o coroa quando ele vai lhe ensinar a dirigir. Com um sorriso orgulhoso o velho despenteia o cabelo loiro do moleque. Perto das dez horas se ouve sequências e mais sequências de ploft na piscina, gritos de gol, as gargalhadas, os gritos de preocupação dos pais e alguns choros também. Mas lá no fundo ouço a voz de minha mãe.

Vinícios vem aqui.

E ela não precisa me chamar mais de uma vez. Atravesso a piscina, entro em uma casinha de alvenaria, e lá pego um

saco preto de 20 litros. Caminho até a minha mãe, abro o saco em frente a ela. De espreita observo um garoto loiro abocanhar um sanduíche de peito de peru.

Segura essa saco direito Vinícios.



PARTE 2

ROTEIRO

The background is an abstract, textured composition of warm colors including shades of orange, red, yellow, and teal. A white rectangular box with a thin black border is centered on the page, containing the text.

“Ainda Aqui”

Escrito por

Priscila dos Anjos

"É preciso dizer, bem alto e com todas as palavras, que para muitas de nós, mulheres, a criança crescendo no útero, alimentando-se de nós, é um alien. Esta foi também a minha sensação ao engravidar e experimentar a gravidez. A frase mais perfeita sobre o potencial de horror contido na experiência da maternidade é expressado nessa frase da escritora francesa Colette Audry: "Uma nova pessoa que entrou na sua vida sem vir de fora". Pode ter algo mais aterrorizante do que esse estranho íntimo que invade as suas entranhas desde dentro e cresce sem parar e que um dia terá de sair dali? Eu só mudaria nessa frase a palavra "pessoa". Minha sensação, e a de outras mulheres com quem conversei, é de que não temos a certeza de que é de fato uma pessoa. Pode ter qualquer forma esse alienígena. E essa também é uma expectativa bastante assombradora sobre o momento do parto."

Eliane Brum

#### STORYTELLER

O personagem principal, Dado, é diagnosticado com a Síndrome de Couvade, que ocorre quando um homem próximo à uma gestante desenvolve sintomas associados à gravidez. Porém os sintomas de Dado só começam a aparecer após a morte de sua esposa grávida de 7 meses, em um trágico acidente de carro. Apesar do médico dizer para Dado que os sintomas irão desaparecer, 4 meses depois Dado entra em trabalho de parto.

CENA 01 - INT. CASA DE DADO E MARCELA - NOITE

Uma sala composta de um sofá de três lugares, uma mesa de centro, e uma televisão tela plana. Sentado no sofá Dado, 29 anos, assiste a gravação do ultrassom do primeiro filho. Na tela, mal dava para ver o minúsculo feto de quatro meses. O telefone toca.

DADO  
Alô?

SECRETÁRIA DO HOSPITAL  
Posso falar com Dado Ferreira?

DADO  
É ele.

Com a voz embargada a secretária diz.

SECRETÁRIA DO HOSPITAL  
Eu sinto muito Sr. Dado. Sou secretária do Hospital Santo Agostinho, onde sua esposa e seu filho acabaram de falecer.

CENA 02 - INT. CONSULTÓRIO DO MÉDICO CARLOS

A sala está impecavelmente limpa. Na mesa do médico Carlos, 55 anos, paira um notebook, e a foto de suas filhas gêmeas. Dado está sentado ereto em frente ao obstetra. As mãos abraçam o ventre.

MÉDICO CARLOS

Olha isso é bem raro. O seu caso é muito particular. Mas pode acontecer sim. O trauma de ter perdido filho e esposa pode ter despertado uma tendência sua para a Síndrome de Cauvade.

Dado franze a testa.

MÉDICO CARLOS

Essa síndrome desperta sintomas relacionados a gravidez no homem próximo a gestante. Antes da morte de sua esposa, você identificou algum desses sintomas que você descreveu para mim?

DADO

Não.

MÉDICO CARLOS

Tudo bem. Mas você tem que começar a colocar para fora todo esse peso que a morte de Marcela deixou aí.

Vou te indicar um terapeuta muito bom.

Carlos abre uma gaveta de sua mesa, e facilmente acha o cartão de um terapeuta. O médico entrega o cartão à Dado que logo enfia o pedaço de papel dentro do bolso, sem ao menos olhar.

CENA 03 - INT. CASA DE DADO - NOITE

Ao fundo o telefone toca. Dado deitado na cama de casal tenta se concentrar em uma leitura qualquer. Mas se irrita com o barulho da chamada que não quer

atender. Trinta segundos depois o telefone para de tocar, e o celular começa a chamar. Já sabe que são seus familiares e amigos querendo saber se está tudo bem, mas é claro que não está.

DADO

Mas o que é isso?

Dado leva a mão à barriga. Acabava de sentir uma pressão em seu ventre. Será que era essa a sensação de um bebê chutando a barriga da mãe?

DADO

Deve ser loucura minha. Coisa da minha cabeça.

A barriga pulsa novamente.

Na cabeceira Dado pega seu tablet e pesquisa no buscador: homem síndrome de Couvade grávido. Clica nos primeiros três links. Passa o olho rapidamente pelos textos. Algo o chama atenção nos comentários. Dado lê em voz alta.

DADO

Tudo isso é mentira. Tenho certeza que acabei de fazer um parto. Apesar de não lembrar de nada.

CENA 04 - INT. CONSULTÓRIO DO MÉDICO DO OBSTETRA FÁBIO

O corpo de Dado agradece pela poltrona confortável do consultório do médico Fábio. A porta se abre, e o um jovem médico, que aparenta ter uns 34 anos, senta

em uma poltrona idêntica que está em frente de Dado. Um arranjo de margaridas, em cima de uma mesa de centro, separa paciente e médico.

DADO

Doutor, a minha barriga não para de crescer desde que... Ah, desde o acidente. E o pior é que estou sentindo pressões nela. Como se um bebê estivesse me chutando.

MÉDICO OBSTETRA

Dado, sei que faz um mês da morte de Marcela. Desculpa não ter te ligado para dizer sinto muito.

Dado ignora o "sinto muito" do médico.

MÉDICO OBSTETRA

Como li no seu prontuário, a perda de sua esposa pode ter causado esses sintomas da síndrome. Você já procurou um terapeuta?

DADO

Eu preciso ter certeza se tem alguém aqui dentro ou não Doutor. Vim pedir um ultrassom

MÉDICO OBSTETRA

Desculpa Dado, mas isso não vai ser possível. Você precisa acreditar que não tem nada aí, e que isso vai passar.

Dado levanta bruscamente, sai do consultório e bate a porta. Se arrepende de ter feitos movimentos tão

rápidos. Uma dor forte estremeceu sua pernas. A espaçosa sala está quase vazia. A atendente se distraia em frente ao computador, e nem percebe quando Dado mancando, mas decidido, atravessa a sala de espera.

Dado não espera mais do que dois minutos por um táxi. O taxista encara o olhar vidrado de Dado por alguns segundos, mas deixa o homem entrar.

#### DADO

Preciso ir no bairro Freguesia. Na Rua Maria Gonzaga.

Quinze minutos de estarda depois, Dado sai do carro, em frente a um galpão aparentemente abandonado. Um amarelo desbotado cobre o lugar. Sem exitar Dado entra no local. A escuridão não o perturba. Mas 10 segundos depois luzes são acendidas revelando um cenário iluminado, sujo mas colorido. Tubos transparentes preenchidos de gosmas verdes, azuis, rosas e amarelas estão grudados do teto e colados nas paredes. No meio do galpão uma maca suspensa no ar é iluminada com uma luz amarela, quase divina. Por entre as pernas de Dado um líquido verde e pegajoso começa a escorrer. Sem se mavalhar com o cenário Dado anda até a maca e sobe nela, que sucumbi um pouco ao seu peso, mas logo fica na altura que estava antes. Das laterais da maca quatro braços mecânicos começam a trabalhar simultaneamente. Anestesia, corte com o bisturi, retirada de uma bolsa transparente com um pequeno projeto de humanoide azul.

Dado acorda em sua cama. Assustado com um sonho. Tenta levantar, mas uma dor forte no ventre. Leva a mão logo a baixo ao umbigo e sente pontos milimetricamente costurados.

